

Adeus, Camarada Brejnev

Arnosht Kolman foi membro do Partido Comunista durante mais de 50 anos. Recentemente, no decorrer de uma visita a sua filha, na Suécia, pediu e obteve asilo político – e sua demissão do partido. Eis aqui sua carta de explicação, trechos da qual foram publicados por *The Times*, de Londres.

ARNOSHT KOLMAN

DESEJO informá-los de que estou abandonando o Partido Comunista Soviético. Tenho 84 anos e fui membro do partido durante 58. Tornei-me militante dele a fim de lutar pela justiça social, por um futuro melhor para a humanidade. Hoje, após refletir longamente, cheguei a esta difícil decisão.

Nasci em Praga, e fui para a Rússia como prisioneiro de guerra durante a Primeira Guerra Mundial. Como soldado do Exército Vermelho, lutei em quatro frentes pelo estabelecimento do poderio soviético. Na década de 1920, fui membro do Comitê Central do Partido Comunista Alemão. Durante a guerra, trabalhei na chefia política do Exército Soviético. Em 1945, fui nomeado chefe do departamento de propaganda do Partido Comunista Tcheco, em Praga; porém, passados três anos, fui de-

tido, mandado de volta para Moscou e preso (sem julgamento) durante três anos e meio no presídio de Lubyanka. Após minha reabilitação, fui nomeado diretor do Instituto de Filosofia da Academia Tcheca das Ciências, em Praga. Desde 1968, vivia como aposentado em Moscou.

Após as revelações feitas por Kruchtchev acerca dos sangrentos crimes de Stalin, comecei a compreender quão profundamente distorcidos se tinham tornado o Partido Comunista e o poderio soviético, e que eu, como membro do partido, tinha de assumir minha quota-parte de responsabilidade.

No entanto, o ano de 1968 constitui para mim o ponto crucial. Quando os seus exércitos ocuparam a Tchecoslováquia, submetendo-a ao seu *diktat* político e a uma exploração econômica implacável, perdi qualquer ilusão sobre a natureza do seu regime. Hoje em dia, na União Soviética, o lugar do

antigo capitalista e das classes latifundiárias exploradoras foi tomado pelas castas privilegiadas do partido e pela burocracia estatal.

No 60.^o ano do poderio soviético, não existem direitos democráticos fundamentais. Em vez de eleições livres, vota-se em candidatos impostos pelas cúpulas. Não existe vida política pública. As greves são proibidas e os sindicatos obedecem aos interesses do Estado. As discussões políticas são proibidas e tudo é revisto por censores. A informação é uma propaganda mentirosa.

Os direitos humanos básicos são grosseiramente espezinhados. Os dissidentes são duramente perseguidos – milhares deles estão apodrecendo em prisões, campos de concentração e hospitais-prisões psiquiátricos; muitos são punidos apenas devido a suas convicções religiosas. Não existem as liberdades intelectuais elementares nem liberdade para os artistas criadores.

Enquanto prega a «*détente* internacional» e a «coexistência pacífica», a União Soviética está, na realidade, armazenando de maneira cada vez mais rápida armas de destruição em massa e se preparando para guerras de agressão. Mantém enormes exércitos fora de suas fronteiras. Sob o disfarce de «ajuda desinteressada» aos movimentos de libertação nacionais e às nações em vias de desenvolvimento, a União Soviética continuamente tenta infiltrar-se em suas fileiras e neles estabelecer sua

supremacia militar e política. Fornece também armas e apoio militar a reacionários e a terroristas.

Não pretendo negar os sucessos soviéticos nos campos da educação, da ciência e da tecnologia e na obtenção de um nível de vida melhor para uma parte considerável da população – mas nem só do pão vive o homem.

Um ser humano deve poder dizer e escrever aquilo que pensa, ler aquilo que bem entende, escolher o lugar onde deseja morar livremente e ir aonde quiser. Mas estamos novamente apavorados; como no tempo de Stalin, escondemos nossos manuscritos, deixamos de confiar uns nos outros, escrevemos cartas sem significado, com medo dos censores, e cortamos relações com os amigos.

Não é desumano tirar os filhos da companhia dos pais, impedir que as famílias se reúnam, negar vistos de saída, recusar às famílias dos presos políticos o direito de verem seus entes queridos durante anos, e mesmo proibir que se escrevam cartas? Quanto tempo pode uma pessoa viver assim? Eu não posso mais.

Cheguei à firme conclusão de que, ficar nas fileiras do Partido Comunista Soviético, seria trair os ideais da justiça social, do humanismo e da construção de uma sociedade nova e mais humana, pela qual lutei, apesar dos meus enganos e do caminho errado que tomei, e pela qual continuarei a lutar até o fim de meus dias. ▲